

# EXPLICAÇÕES NA SOMBRA E CRISE NA FORMAÇÃO

SUZETE GRANDI

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS

[suzigrandi@gmail.com](mailto:suzigrandi@gmail.com)

## Resumo

Mark Bray (2009) é um dos expoentes em educação comparada sendo considerado um dos pioneiros na discussão sobre o sistema de “educação na sombra”. Este autor utiliza a metáfora “educação na sombra” para denunciar a existência de um sistema educacional que existe na sombra do sistema formal. Autores como Jorge Adelino Costa, Antônio Neto-Mendes e Alexandre Ventura (2009), correm sob as mesmas águas e evidenciam que o mercado das explicações tem crescido nos últimos anos, sendo um fenômeno que aparece em quase todo o mundo e que tende a se expandir. José Almerindo Afonso (2001) relata que as explicações existem há algum tempo e que, especialmente nos últimos dois séculos, vem ganhando visibilidade. Este fenômeno também ocorre no Brasil, especialmente através dos cursinhos pré-vestibular que devido a sua grande procura, se constituíram num sistema de educação mais importante que o sistema formal de ensino. Além de denunciar possíveis deficiências no papel da escola e a crescente lógica mercadológica presente no processo de formação, a emergência do sistema educativo na sombra também revela a desvalorização que a noção de formação adquiriu nos últimos anos. É possível, então, relacionar o atual esvaziamento no modo de compreender a formação no ensino superior com este mercado sombrio de explicações? O presente artigo tem por objetivo tematizar possíveis convergências entre o mercado das explicações e o empobrecimento no modelo atual de formação no ensino superior, baseado em habilidades e competências. Trata-se de um estudo bibliográfico, cujas discussões sobre o mercado das explicações está apoiado teoricamente em Mark Bray (2009), considerando também as contribuições de Jorge Adelino Costa (2009), Antônio Neto-Mendes (2009) e Alexandre Ventura (2009). Para discutir sobre a formação, o conceito de *Bildung* é visitado, considerando fundamentalmente o pensamento de Lyotard (2011), Reichenbach (2003) e de Hermann (2001, 2002, 2010a e b). Se acredita que o crescimento do mercado das explicações e o esvaziamento ético da formação superior apresentam convergências.

Palavras-chave: Educação na sombra. Ensino Superior. Formação.

O termo “educação na sombra” é utilizado por Mark Bray (2009) para denunciar a existência de um sistema educacional que existe na sombra do sistema formal. Este mesmo sistema é denominado por Costa, Ventura e Neto-Mendes (2009), como “uma atividade na sombra”.

Este mercado educacional que acontece na sombra do sistema formal, é assim denominado por oferecer disciplinas acadêmicas fora do horário da escola convencional.

As “explicações” são as ações que caracterizam e compõem esse sistema na sombra. No Brasil, são denominadas de “*aulas particulares*” ou de “*reforço*”; em inglês são chamadas de “*private tutoring*” e em castelhano “*clases particulares*”.

Segundo Bray (2009), as explicações são descritas como um sistema na sombra por algumas razões que estão relacionadas fundamentalmente a existência do ensino formal (o sistema na sombra só existe porque o sistema de ensino formal existe). Descreve ainda que a relação entre estes dois sistemas assume um caráter simbiótico, pois quando o sistema formal sofre alterações, o da sombra acompanha e que, na maioria dos países, se confere maior atenção a este sistema do que à sua sombra.

Ainda citando Bray (2009), a educação na sombra passou a ser vista como um sistema por ter se tornado cada vez mais estruturada e vista de uma forma comercial. O setor das aulas particulares, que antigamente operava massivamente e de maneira informal, tornou-se cada vez mais organizado. Neste mesmo sentido, empresas são criadas, implementadas e estruturadas, podendo ser de pequeno ou de grande porte, locais e/ou multinacionais. Um exemplo dessas empresas é o Kumon, que teve sua origem no Japão em 1954 e hoje opera em 45 países e chega a atender 4 milhões de estudantes.

Para Mark Bray (2009), é importante que se faça um confronto dos sistemas formal e informal para que se descubram pontos positivos e negativos deste funcionamento em paralelo. O autor aponta a importância dos estudos nesta área, exatamente porque a sombra de um sistema educativo pode refletir mudanças que estão ocorrendo na sociedade. Atribui ainda a importância em discutir tal temática, diante da possibilidade deste sistema criar e perpetuar desigualdades sociais, argumentando ainda, que o sistema de educação, que

se desenvolve na sombra, precisa receber mais atenção por parte de planejadores e formuladores de políticas educacionais, pois ele tem grandes implicações sociais e econômicas.

O mercado das explicações abrange, então, dimensões políticas, organizacionais, econômicas e financeiras, tanto nas perspectivas da oferta quanto da procura. Em relação a oferta serve como suplemento remuneratório para professores, como oportunidade de emprego para aspirantes a profissionais do ensino ou como oportunidade para novos empreendimentos, como oferta empresarial. A procura é caracterizada pelo grande número de alunos que buscam “socorro” nestes serviços privados, que podem se iniciar ainda no ensino primário, se estender ao secundário, prolongando-se até o superior (Costa et. al, 2009).

Este é um sistema que tem crescido consideravelmente nos últimos anos, adquirindo dimensões internacionais. Sua expansão e consolidação está relacionada ao modelo neoliberal e a crise da escola pública que, associada a lógica dos rankings na área educacional e a desvalorização financeira dos professores, alimentam a procura pelo apoio extraescolar.

A crise da escola pública, mencionada acima, fruto de condicionantes econômicos, sociais e político ideológicos pode ser comprovada através dos altos índices de abandono e de insucesso acadêmico, tanto nos ensinos básico como no fundamental. Segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) o Brasil possui um alto índice de evasão escolar. Esta afirmação é igualmente comprovada através de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) onde o Brasil, em 2013, assumiu a marca de terceiro país no mundo com o maior índice de abandono escolar.

Tal crise na escola convencional, também influencia a procura pelos apoios extraescolares como fator de compensação. A prática das explicações acontece na casa do explicando ou do explicador e podem ser individuais ou em pequenos grupos. Diversos países fazem uso da “educação na sombra”, o que confere a este sistema características de um fenômeno globalizado e que cada vez mais aparece como uma atividade social relevante, trazendo mudanças significativas na forma como a sociedade avalia tudo o que está relacionado com a escola. Em muitos locais, porém, como na Austrália, França

e Singapura, os professores estão proibidos de dar explicações aos alunos pelos quais são responsáveis no sistema formal.

Neste contexto, se destacam ainda as influências do modelo neoliberal, em que a expansão do mercado contribui para a emergência da economia do conhecimento. Este modelo também induz os cidadãos a relacionar a falta de emprego a não qualificação dos indivíduos, o que corrobora para que a função das instituições educacionais seja prioritariamente a de preparar os estudantes para lidar com necessidades da economia (BRAY, 2009).

O crescimento, a visibilidade e empresarialização do mercado das explicações possibilitaram o desenvolvimento de um terceiro setor educativo, que vai além das escolas pública e privada (Costa et. al, 2009).

Nesse contexto, as explicações são impulsionadas por um clima competitivo, por uma forte crença no valor da educação para o progresso econômico e social e pela necessidade dos professores do sistema formal ganharem mais dinheiro.

Conforme já mencionado, as explicações geralmente se dão em disciplinas em que a oferta é influenciada pela procura, ou seja, as disciplinas mais procuradas são aquelas que são testadas nos sistemas de avaliação/exames. Neste sentido, possuem como objetivo fazer o reforço dos assuntos já tratados em sala de aula, além de enriquecer conteúdos.

No Egito, por exemplo, o exame preparatório nacional, obrigatório para todos os alunos no final do ensino primário, determina quais destes serão remetidos para as “escolas vocacionais de baixo estatuto”, e quais irão para as “escolas secundárias gerais”, a partir das quais uma colocação na universidade pública é quase garantida (BRAY, 2009).

Este modelo de acesso ao ensino superior, corrobora para que, no Egito, a busca pelas explicações seja grande, de forma a garantir o acesso as “escolas secundárias” para, posteriormente, acessar a universidade pública.

Fenômeno semelhante ocorre no Brasil, onde os cursinhos pré-vestibular são um exemplo do mercado das explicações que devido a sua grande procura, se constituíram num sistema de educação “mais forte e mais importante” que o sistema formal de ensino (Costa et. al, 2009 apud Nascimento, 2003). Estes cursinhos se tornaram quase que uma obrigatoriedade para o estudante que deseja obter uma vaga na universidade.

Um estudo realizado em Chipre, em 2003, com 1.120 alunos universitários mostrou que 86,4% destes frequentaram explicações durante o ensino secundário (Bray, 2009 apud Stylianou, 2004). Já na Grécia, os dados de um estudo realizado em 2000, com 3.441 estudantes universitários de 8 universidades, concluiu que mais de 80% dos estudantes tinham frequentado sessões de explicações (BRAY, 2009 apud Psacharopoulos e Papakonstantinou, 2005).

Tal acontecimento nos possibilita refletir, de um modo geral, sobre a qualidade e eficiência dos ensinos básico e fundamental, bem como nas suas repercussões no ensino superior, visto que o fenômeno das explicações, que emerge da sombra, predomina sobretudo no ciclo de estudos pré-universitário.

As preocupações com a qualidade e com a eficiência acima mencionada também encontra visibilidade no pensamento de Bray (2009), quando este autor elucida que a maior parte dos professores exerce as explicações como uma forma de ganhar um rendimento extra. Tal atividade é desenvolvida tanto para alunos que já são seus no sistema formal, quanto para alunos que não possuem esta vinculação. De acordo com este cenário, esta modalidade de trabalho influencia nas atitudes destes professores para com a escola formal, além de representar um risco no desempenho intra-escolar de seus alunos, onde as diferenças de saberes entre os alunos que frequentam ou não as explicações podem estar ampliadas.

O modelo contemporâneo de organização familiar também confere visibilidade à expansão do mercado das explicações. Nesse sentido, esta modalidade educativa se apresenta como um espaço para a realização dos trabalhos/temas/deveres de casa. Isso mostra mais uma vez a dimensão de complementariedade que existe entre o sistema informal e o sistema regular de ensino, além de ocultar a falta de tempo dos pais em auxiliar os filhos nas tarefas de casa. Neste sentido, as “explicações” também servem de apoio a família, associando-se a serviços de ocupação dos tempos livres das crianças e dos adolescentes (Costa et. al, 2009). Ao mesmo tempo, as explicações podem permitir um ensino individualizado, o que contrasta com o ensino massificado oferecido pelos sistemas educativos modernos.

Considerando o exposto, o mercado das explicações é um espaço propício para atender a várias solicitações. Dentre as quais destaca-se o fato

dos alunos precisarem passar nos exames externos, com classificações as mais elevadas possíveis, o que colabora para que as instituições sejam projetadas a bons níveis nos rankings. Serve, também, de suporte para as famílias cujos pais não possuem tempo livre para dedicar aos seus filhos, dentre outras demandas.

Bray (2009), destaca que este mercado possui também um caráter positivo. Este se relaciona com a melhora da aprendizagem dos alunos, bem como da competitividade no mercado educacional. Todavia, o aumento das desigualdades sociais entre os alunos e as grandes lacunas de aprendizagem entre aqueles que recebem e os que não recebem tutoria não podem deixar de serem consideradas.

Neste contexto, o mercado das explicações nos permite refletir acerca do trabalho dos professores, do funcionamento das escolas, bem como do processo de formação dos alunos implicados neste cenário. Além de denunciar possíveis deficiências no papel da escola e a crescente lógica mercadológica presente no processo de formação, a emergência do sistema educativo na sombra também revela a desvalorização que a noção de formação adquiriu nos últimos anos.

Para refletir acerca da formação, é necessário revisitar o termo *Bildung*. Este termo foi traduzido do alemão como formação e mesmo sendo considerado historicamente um conceito vago, controverso, que apresenta variações, significa “um refinamento do intelecto, da sensibilidade e do julgamento” (REICHENBACH, 2003).

Hermann (2010b) explicita que “o conceito de educação/formação está enraizado na tradição ocidental, que descoberta pelos gregos é chamada de *paideia*. Com o neo-humanismo e o romantismo, surge um retorno ao ideal da *paideia*, que na língua alemã se conhece com o nome de *Bildung*, que nós traduzimos por formação” (HERMANN, 2010b).

Os ideais de unidade e totalidade conferidos às ações formativas da *Bildung* durante os séculos XVIII e XIX, passaram a ser questionados e criticados na modernidade tardia, onde novos horizontes valorativos despontaram no cenário social. Tais horizontes se reconfiguram em torno de uma sociedade plural, em que a multiplicidade de experiências é característica fundamental. Neste momento, conforme Hermann (2010a) nos aponta, a

*Bildung* perde seu valor normativo e esvazia-se de seu significado, tornando-se disponível para diferentes usos.

Reichenbach (2003), mostra que o termo em questão é complexo, vulnerável e ambíguo, mas que mesmo assim, nunca foi abandonado do discurso educacional e filosófico. Assim como Hermann (2010a, b), este autor partilha da ideia de que a *Bildung* só é possível na condição de pluralismo e enquanto expressar condição de liberdade.

Lyotard (2011), em seus estudos, afirma que o princípio pedagógico da “formação” está em desuso. De fato, esta noção já não é mais empregada com tanta frequência. Constata-se, igualmente, a tendência de considerar essa noção superada e ultrapassada pelas condições objetivas da pós-modernidade, onde o mais importante, nesse momento, é a sociedade e a economia do conhecimento. A preocupação, neste sentido, está voltada em atender às necessidades da sociedade e não os interesses morais do indivíduo.

Lyotard diz textualmente que “o antigo princípio segundo o qual a aquisição do saber é indispensável da formação (*Bildung*) do espírito, e mesmo da pessoa, cai e cairá cada vez mais em desuso”. O argumento deste autor encontra fundamento, nas transformações que as novas condições tecnológicas acarretam nas relações entre informação e saber (Lyotard, 2011).

Todavia, a afirmação de Lyotard, a partir da qual se diz que a aquisição do saber é indispensável da formação, pode ser questionada. Ele liga arbitrariamente a aquisição e a transmissão do saber com a formação. Na realidade, não é apenas o ato de adquirir ou de transmitir conhecimentos que forma o espírito e a pessoa. O conceito de formação é mais complexo e implica elementos biológicos, psicológicos e culturais.

Lyotard (2011) afirma ainda que a aquisição do saber passa a ser considerada uma mercadoria, um negócio entre fornecedores e usuários. Quando o conhecimento se torna sinônimo ou instrumento de poder, força de produção ou quando é produzido para ser vendido, para ser consumido, quando “deixa de ser para si mesmo seu próprio fim”, a ideia de formação desaparece.

Na perspectiva sociológica e jurídica, a formação não se restringe ao domínio de habilidades e competências necessárias para o exercício de uma

profissão ou ocupação. Ela requer muito mais, ela exige a prática de direitos e deveres, uma clara concepção de valores.

De acordo com este cenário, volta-se para a Educação, especialmente aos processos formativos no ensino superior, caracterizados pelo modelo de aprendizagem baseado em habilidades e competências. Este modelo representa o esvaziamento do valor, do significado e da ideia de liberdade da *Bildung*.

A ideia de formação atrelada ao desenvolvimento de competências, em que a dimensão cognitiva e a racionalidade técnica possuem primazia adquiriu visibilidade nas últimas décadas. Hermann (2010b) nos mostra que esta concepção traduz um “impressionante reducionismo da formação” e que a “ideia de cidadania, presente nas normas e diretrizes curriculares para dar sustentação à questão ética, adquire um caráter quase residual, ou mecânico”, se restringindo a um “abstracionismo em que tanto professores quanto alunos têm dificuldade de se articular com o real sentido da vida humana”.

O que a referida autora evidencia é a desfiguração da formação ética, onde os recursos da imaginação e da livre criação de si se perdem juntamente com a sensibilidade. Dito de outro modo, a dimensão ética da formação se materializa nos currículos apenas como um código (HERMANN, 2010b).

Reichenbach (2003), neste mesmo sentido, expõem que “as noções de competências não dispõem de um poder crítico contra-o-mundo que sempre foi central para as versões clássicas da *Bildung*”.

Isso significa que o modelo de formação atual, baseado em habilidades e competências não confere a devida importância para a formação da capacidade crítica dos sujeitos, tornando estes cada vez mais vulneráveis a fazerem escolhas incertas e sem sentido para sua existência e para o mundo. A formação no ensino superior se configura neste contexto.

Considerando que o conceito de formação sofreu diferentes interpretações no decorrer do tempo, assumindo um significado que o aproxima da necessidade de desenvolver e adquirir habilidades e competências para o desempenho de determinadas atividades profissionais, volta-se para a crise da escola e para a emergência do mercado das explicações como acontecimentos que se entrelaçam e que se reforçam.

Conforme já explicitado, a prática das explicações é um fenômeno que ocorre na sombra do ensino formal e muito frequentemente na fase pré-universitária, cujo enfoque é o ensino de disciplinas específicas que visam fundamentalmente aprovações em exames. Tais práticas acabam por reforçar o esvaziamento na atual forma de compreender o processo de formação dos alunos, pois se destinam especificamente para os déficits que os acadêmicos apresentam em disciplinas específicas. Dito de outro modo, as explicações reforçam conteúdos visando apenas aprovações em exames.

As explicações, neste sentido, buscam preencher lacunas provocadas pelas falhas no ensino formal e ao mesmo tempo em que alimentam a lógica mercadológica, também é alimentada por esta. Neste cenário, a ideia de formação por habilidades e competências, em que a racionalidade técnica possui primazia, ganha força e significado.

Diante do exposto, acredita-se que o crescente mercado das explicações, constituído como um mercado sofisticado e que apresenta serviços altamente especializados, influenciado pela crise da escola formal, pelo modelo de mercado neoliberal e pela pouca valorização dos professores corrobora para que a dimensão ética da formação, fique ainda mais longe de ser contemplada pela educação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COSTA, Jorge Adelino; NETO-MENDES, Antônio e VENTURA, Alexandre. *XPLICA: Investigações sobre o mercado das explicações*. Universidade de Aveiro, 2009, 176pp.
- BRAY, Mark *Confronting the shadowed education system: What government policies for what private tutoring?* Paris: UNESCO-IIEP, 2009, 130pp.
- HERMANN, N. M. A. *Autocriação e horizonte comum: ensaios sobre Educação Ético-Estética*. 1ª Edição. Ijuí: UNIJUÍ, 2010a.
- \_\_\_\_\_. *Pluralidade e Ética em Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Hermenêutica e Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- \_\_\_\_\_. Formação e Experiência. In: TREVISAN, A. L. et al (Org.). *Diferença, cultura e educação*. 1ª Edição. Porto Alegre: SULINA, 2010b.

- LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. 13.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2011, 131 p.
- REICHENBACH, Roland. Beyond Sovereignty: the twofold subversion of Bildung. In: *Educational Philosophy and Theory*. Vol 35, nº 2, 2003.